

## Prefácio

Em *Construtores de mim*, Frederico de Holanda reúne, com sensibilidade e sabedoria, suas inquietações e paixões. Atento ao chamamento de Bill Hillier pelo retorno à reflexão disciplinar, celebra o título de Professor Emérito<sup>1</sup> da Universidade de Brasília (UnB) compartilhando seus interesses e reflexões – sempre no plural – pelas coisas vivas, como o convívio com a família, amigos, colegas, seus professores e com o “Brasil Profundo”; pelas manifestações de arte erudita ou popular, como cinema, música, literatura, poesia, fotografia, pintura, escultura; pela Arquitetura e pelas cidades – especialmente por uma Brasília com 59 anos de contínuas transformações e fiel “parceira” de 47 anos de reminiscências.

Dividido em três partes. Na primeira, *Brasília: dureza e suavidade*, ensaio originado de um filme de sua autoria, *Brasília: Sinfonia de uma Capital*, Holanda inverte (ou subverte) a ordem de produção de textos acadêmicos ao estruturá-lo em forma de um roteiro que reafirma seu compromisso, afeição e empenho em conferir um estatuto de cientificidade e rigor ao método e à reflexão crítica na pesquisa em arquitetura para revisitar “amorosa e criticamente” ideias, inquietações e influências de sua formação. Enriquecido pelo frescor de conhecimentos recentes produzidos com seu grupo de pesquisa e de uma experiência pedagógica em projeto de urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, Holanda revisita Brasília, tema recorrente em sua produção. Na segunda parte, *Textos efêmeros*, reúne seis crônicas jornalísticas abrangendo questões de mobilidade, preservação do patrimônio cultural, invenção cotidiana da cidade por sujeitos anônimos, governança e uma homenagem a Oscar Niemeyer. Na terceira e última parte, *Escritos de circunstância*, reúne cinco textos “especialmente tocantes”, “compostos no calor de momentos políticos e sociais”.

Como contribuição teórica e metodológica, em *Brasília: dureza e suavidade*, Holanda utiliza seu amplo “guarda-chuva” conceitual, resultado de andanças por diversos lugares e pensamentos, para discutir o axioma central da Teoria da Sintaxe Espacial – “o espaço é função de formas de solidariedade social”. Entrelaça os planos empíricos *arquitetura* e *sociedade* com os analíticos *sintaxe* e *semântica*<sup>2</sup>. Amplia as macrocategorias sociais *infraestrutura* e *superestrutura*, desdobra os *capitais* como recursos encenados pelos sujeitos. Exemplifica empiricamente esses conceitos para resgatar a visão de Brasília formulada em sua tese de doutorado em arquitetura<sup>3</sup>; revelar as relações entre lugares separados no espaço e no tempo; explorar a arquitetura dos assentamentos humanos como *variável dependente* ou *resultado de algo*. Inspirado em Daniel Dennett, revisita as ideias de *formalidade* e *urbanidade* como paradigmas socioespaciais milenares ao longo de três intervalos de variação. Identifica Brasília e seu peculiar padrão de segregação socioespacial como uma das cidades brasileiras mais desiguais. Em suas andanças durante a filmagem de *Brasília: Sinfonia de uma Capital*, Holanda assume progressivamente sua vocação multimídia e se utiliza de duas linguagens para explorar alguns lugares “mais notáveis da cidade”: a do cinema – inspirado em Evaldo Coutinho, produz um conjunto de imagens sequenciais no tempo – e a da escrita acadêmica – para transcrever as sequências de imagens.

Operando na forma do desejo ou paixão pelo explicar a *realidade* como uma *proposição explicativa cujo domínio de ações é especificado pela curiosidade e pela sabedoria*, coisas que a ciência e o treinamento para ser um cientista não costumam fornecer e que Holanda tem de sobra, ele confirma a proposição de Humberto Maturana de que nos tornamos cientistas.

Quando reafirma seu aprendizado com Hillier sobre a inutilidade dos rótulos epistemológicos, explicita sua paixão pela vida acadêmica para, gradual e antropofagicamente, assumir sua *persona holandiana*, transcendente à sua afeição *dimpiana* ao método. Imbuído pela paixão do explicar, arrisca dizer que a urbanidade das cidades – ou a própria essência da arquitetura e do social – cria condições *favoráveis* à democracia na arquitetura e nos sistemas de encontros. Condições que acredita não serem relações biunívocas, por conta de uma grande inércia capaz de

garantir a sobrevivência das “estruturas físicas construídas frente às drásticas transformações sociais” que são gradualmente incorporadas.

Também dialoga criticamente com suas referências e observa que nem a arquitetura se limita à “fiscalidade do artefato”, nem a sociedade a um simples “arranjo concreto de corpos sobre o chão”: ambas estão imersas em um complexo de significados “ilegíveis em sua materialidade”. Em *semântica da arquitetura* explora a ideia de que o entendimento de lugar na arquitetura tem uma conotação específica, conferida pela cultura, pela história e pelo processo de identificação social. Explicita seu interesse por *aquilo que o olho não vê*, pelas “relações de significados invisíveis” que a *arquitetura dos lugares* nos proporciona ao propor que a arquitetura não determina o comportamento, mas cria um campo de possibilidades e um campo de restrições.

Ao reconhecer a importância daquilo que nossos olhos não veem na *performance*<sup>v</sup> dos *modos de vida*<sup>v</sup>, ou das relações dos seus significados invisíveis, expande os horizontes da pesquisa em arquitetura e dá visibilidade a uma série de atores que não costumam ser reconhecidos nos estudos das relações envolvendo pessoas e ambientes na produção de *urbanidades* – também no plural, diante da abundância de “olhos da rua” que performam múltiplas realidades em um mesmo lugar. O mesmo pode ser dito sobre sua crítica à inadequação do uso de determinados parâmetros e unidades morfológicas como “ruas” “praças” ou “quarteirões” para medir e avaliar a presença de pessoas em lugares tão diferentes quanto Copacabana e os espaços abertos ou as superquadras de Brasília. Como as teorias e descobertas científicas são sempre produzidas em lugares específicos, *locais*, mas ao viajarem entre regiões e culturas elas também costumam ser globais<sup>vi</sup>, essas diferenças assumem especial relevância ao longo do livro. A discussão sobre como as urbanidades dos *lugares da arquitetura* são praticadas e alimentadas explicita as diferenças sobre a existência de um “terceiro mundo” além da prática, que distinguem a Brasília vivenciada por Holanda daquela que os olhos de Jan Gehl e James Holston não veem: *o mundo dos lugares onde habitam as ideias científicas*, que muda o foco da teoria para as texturas dos aspectos e práticas que resultam em sua produção. Enquanto Holanda busca explicar sua experiência, Gehl e Holston subordinam o resultado de suas críticas à conservação de suas ideias e valores.

É uma experiência que se corporifica ao explicar as categorias das práticas utilizadas para relacionar as dimensões de uma estrutura socioespacial envolvendo os dois planos empíricos e os dois planos analíticos referidos – arquitetura e sociedade *x* sintaxe e semântica – segundo dimensões variáveis de suas práticas, que são intrínsecas aos múltiplos modos de vida. Como ao observar que a produção da arquitetura com uma estrutura de poder que define quem decide sobre a produção e sobre seus frutos, também está permeada de um conjunto de ideias que legitimam seu formato. Ou quando revisita um tema recorrente em sua produção, Brasília, Capital “modernista” cujo desenho urbano, ao reunir a *suavidade* do plano original com a *dureza* dos condomínios fechados que proliferam ao seu redor, transcende as ideias de seu criador e torna-se uma versão mais diversificada e heterodoxa do urbanismo moderno. O mesmo acontece quando utiliza a analogia com um bumerangue que, “lançado por influência de forças sociais e ambientais volta atingindo os sujeitos de maneiras em grande parte imprevistas – ou não?”, se vale de uma estrutura de “pós-determinação” para explorar a arquitetura como *variável independente* e avaliar como os lugares existentes afetam as pessoas. E, também, ao exemplificar como o conhecimento produzido foi utilizado em sua experiência como professor de projeto de urbanismo na FAU/UnB e como os estudantes se apropriam desse conhecimento e produzem novos conhecimentos em seus projetos.

A segunda parte, *Crônicas Efêmeras*, reúne seis escritos originalmente publicados no *Correio Braziliense* para compartilhar suas observações e opiniões com os leitores brasileiros. Sem perder o rigor, Holanda explora os amplos horizontes e territórios não acadêmicos, para explicar que a origem dos problemas de Brasília é política; para afirmar a possibilidade de transformar o

“Eixão” em uma bela e arborizada avenida urbana; para resgatar a essência das melhores obras de Oscar Niemeyer, “mestre da arquitetura, a arte do espaço” – e elege o Palácio do Itamarati como sua obra favorita; para desnudar o “aparente paradoxo” do tombamento de Brasília, com sua concomitante permissividade com relação à apropriação ilegítima de lugares privilegiados e “recorrente alergia com a ocupação popular dos espaços públicos”, sem esquecer de sugerir possíveis brechas a serem exploradas; para questionar os esforços por manter a exclusividade do *espaço sagrado* da Esplanada dos Ministérios diante da “ameaça” de transformá-la em um *espaço profano* com a implantação de ciclovias e árvores, valorizando a vida cotidiana de seus habitantes; para tentar reverter a “metáfora culinária” representada pela proliferação de “macarronadas” – complexos de viadutos que aumentam a superfície asfaltada para os veículos – e pela proibição dos “escondidinhos” populares em uma paisagem predominantemente elitista no estatuto do tombamento.

A terceira parte, *Escritos de Circunstâncias*, reúne cinco escritos publicados no *Facebook* e no *YouTube* que deixam “aflorescer perplexidades quanto ao presente e ao futuro”. Em *Até Breve. Ou Adeus*, Holanda testemunha sua tristeza com o processo de construção do ódio e da intolerância nas redes sociais, famílias e círculos de amizade e de vizinhança durante o processo eleitoral para a presidência da república; em *O Brasil Profundo* explora a impressão de que a situação social, o jogo de ideias e as forças políticas, a corrupção, o machismo, a misoginia, a homofobia, o racismo, o elitismo e a violência do pequenino Canaan, no município cearense de Trairi, revelam-se como uma miniatura ou essência do país; inspirado em fatos reais ocorridos em novembro de 2018 nas proximidades das dunas de Mundaú, no mesmo município, *Morros* presta uma bela homenagem a Henning Mankell, seu autor predileto de literatura policial.

*Professor Emérito da Universidade de Brasília* é o *Memorial* apresentado no processo para a concessão do título, que possibilita acompanhar sua formação escolar e universitária públicas, o afetuoso reconhecimento aos mestres, a homenagem a Delfim Fernandes Amorim no projeto de sua residência em Sobradinho, Brasília, e o reconhecimento da influência de Evaldo Coutinho em seu esforço pela afirmação da autonomia da arquitetura como campo disciplinar e o interesse por investigar os seus efeitos, enquanto obra construída, nos modos de convívio, ou a *dimensão sociológica do desempenho da arquitetura*. Sua leitura possibilita compreender a importância da experiência pessoal e profissional na definição dos “pilares” de sua reflexão futura, como o contato com os “outros códigos” de arquitetura e urbanidade na implantação da cidade de Nova Iorque, no Maranhão, onde também conheceu Rosa, sua esposa. Ou o *Curso Especial de Metodologia do Urbanismo e Administração Municipal*, do IBAM, no Rio de Janeiro, que aprofundou seu interesse pelas relações entre qualidade de vida e planejamento físico tendo na arquitetura uma de suas dimensões fundamentais. Também evidencia os dois choques que marcaram o “urbanita empedernido” vindo do Recife e do Rio de Janeiro. O primeiro, quando se defronta com a capital “futurista” e com a possibilidade de ali colocar em prática os novos ensinamentos e reflexões. O segundo, quando conhece Teotihuacán, “mais que óbvia Brasília cuja origem remonta a antes de Cristo” e “gatilho” de sua futura pesquisa doutoral.

Finaliza o livro com *Construtores de Mim*, seu discurso de agradecimento proferido durante a solenidade de outorga do título de Professor Emérito da UnB. De início, Holanda faz um breve relato de sua infância e adolescência em Recife, marcadas pelo convívio com familiares, amigos, professores e um círculo intelectual. Agradece o reconhecimento de sua “sociobiologia do bem” e transita com naturalidade e independência por entre variadas referências, como Stanley Kubrick, André Leroi-Gourhand, Yuval Harari, Daniel Dennett, Lucio Costa, Bach, Einstein, Picasso, Machado de Assis, Lauro de Oliveira Lima, Ridley Scott. Sem mitificar as lições recebidas de cidadãos anônimos, reforça a importância de entender a natureza dos processos de qualquer obra.

As três partes do livro revelam (ou desvelam) o fio condutor das reminiscências de Holanda e de seu processo de escrever, de trabalhar com a materialidade da linguagem sem dissociar as suas

experiências, emoções, preferências e pensamentos das texturas daquilo que está sendo feito. Um processo que transcende a prática comum nos escritos acadêmicos de descrever ou se referir a uma realidade que está fora deles. Além de reforçar que o observador acontece no observar,<sup>vii</sup> seu texto reúne *saber* e *sabor*, palavras que, segundo Roland Barthes<sup>viii</sup>, têm a mesma etimologia e que produzem uma visão de ciência que expressa os interesses, desejos, ambições, aspirações e fantasias de um cientista. Sem contar as três preferências que comungamos: o Palácio do Itamaraty, o filme *Blade Runner* e o escritor Henning Mankell.

Boa leitura!

Rio de Janeiro, 23 de julho de 2019.

*Paulo Afonso Rheingantz*

**Notas ao Prefácio**

I Mais alta honraria na carreira de professor universitário.

II Inicialmente desenvolvida em: HOLANDA, Frederico de. Urban fissures. *Journal of Space Syntax*, London, v. 7, n. 2, out. 2017. Disponível em: <http://joss.bartlett.ucl.ac.uk/journal/index.php/joss/article/view/301>. Acesso em: 04 nov. 2017.

III *Exceptional Space* (1997) defendida na University of London, sob orientação de Bill Hillier, traduzida e publicada em Português inicialmente em HOLANDA, Frederico de. *O espaço de exceção*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, e agora disponível na rede mundial de computadores como em HOLANDA, Frederico de. *O espaço de exceção*. 2. ed. Brasília: FRBH, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/36395002/O\\_ESPA%C3%87O\\_DE\\_EXCE%C3%87%C3%83O\\_Livro\\_completo](https://www.academia.edu/36395002/O_ESPA%C3%87O_DE_EXCE%C3%87%C3%83O_Livro_completo) . Acesso em: 29 jul. 2019.

IV Aqui, substituo *encenação* por *performance*, para fazer referência a *modos de vida* ou realidades que, segundo Annemarie Mol, são muito mais produzidas ao longo de uma série de diferentes práticas do que observadas. (MOL, Annemarie. *Ontological Politics. A Word and some questions*. In: LAW, J.; HASSARD, J. *Actor Network Theory and After*. Oxford; Maiden: Blackwell, 1999, p. 74-89.

V Segundo Holanda, “expressão melhor, por ser mais abrangente, que ‘modo de produção’”.

VI LAW, John; MOL, Annemarie. *Situating Technoscience: an Inquiry into Spatialities*. 2000. Disponível em: [www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Mol-Situating-Technoscience.pdf](http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Mol-Situating-Technoscience.pdf). Acesso em: 05 maio 2015.

VII MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001 .

VIII BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.